

FOFOCA E DIFAMAÇÃO

Orientações iniciais para o líder:

Oração de Abertura:

- Separe sua Célula em microgrupos de até 3 pessoas e orem em agradecimento e louvor a Deus, confessando erros e pecados e intercedendo por 3 amigos que não conhecem Jesus.
- Os visitantes podem acompanhar os participantes que os convidaram, ou, se forem indicações da igreja, podem participar em qualquer microgrupo.

Dinâmica: O Telefone Estragado

Sussurre a seguinte frase ao ouvido da primeira pessoa, que a deve passar à seguinte da mesma forma, e assim sucessivamente até chegar à última pessoa do grupo:

“Ouvi dizer que o diácono João viu o evangelista Pedro a conversar escondido com alguém perto da igreja na terça-feira à noite.”

Frase da dinâmica

Compare a frase final com a original e pergunte ao grupo: “O que isto nos ensina sobre como a informação se distorce cada vez que passa de boca em boca?”

INTRODUÇÃO

“Sem lenha, a fogueira se apaga; sem o caluniador, morre a contenda.”

Provérbios 26:20

A difamação, o uso da língua contra a reputação do outro, é muito mais comum do que imaginamos, e está muito mais presente na nossa vida do que percebemos. É raro sermos o ponto de origem da fofoca. Costumamos ser apenas mais uma parte do caminho por onde ela passa: se alguém foi difamado para nós, é bem provável que também seja difamado por nós, quando repetimos a informação a outra pessoa.

Ser difamador é fazer com que alguém seja conhecido pela sua pior versão. É “des-famar” alguém, colocar-se contra a boa reputação de uma pessoa. E a Escritura fala sobre este tema com um peso muito maior do que costumamos dar-lhe no dia a dia da igreja.

1. O COMBUSTÍVEL DAS BRIGAS

“O que o carvão é para as brasas e a lenha para a fogueira, o amigo de brigas é para atizar discórdias.”

Provérbios 26:21

Toda comunidade, seja em casa, no trabalho ou na igreja, tem conflitos. Mas muitas vezes esses conflitos não têm outro combustível senão a difamação. Quando alguém nos conta que foi magoado por outra pessoa, é fácil “alimentarmos” essa mágoa: concordamos, exageramos, reforçamos a ideia de que o outro é mesmo assim, difícil, injusto, mal-intencionado. Raramente perguntamos: “Será que não estás a ver isto de forma demasiado dura?” ou “Será que foi mesmo assim?”. Preferimos sempre confirmar o mal do que colocar uma dúvida a favor do bem.

Isto acontece dentro de casa, entre casais, entre pais e filhos, e também na igreja, à volta de assuntos de ministério ou de problemas entre irmãos. Gostamos de nos ver como pessoas pacíficas, porque nunca levantamos a mão contra ninguém, mas a nossa língua já causou tantas brigas quanto qualquer punho poderia causar.

- Já reparaste nalguma situação em que, sem perceber, “colocaste lenha” numa discórdia que não era tua, apenas por concordares ou exagerares o que ouviste?
- Como podes, na próxima vez, ser alguém que ajuda a apagar o fogo, e não a alimentá-lo?

2. O SABOR DA FOFOCA

“As palavras do caluniador são como petiscos deliciosos; descem saborosos até o íntimo.”

Provérbios 26:22

A fofoca é gostosa, e é exactamente por isso que é tão perigosa. Falar mal de alguém dá uma sensação estranha de superioridade, sentimo-nos “por cima” sem termos de crescer, sentimo-nos correctos sem termos de agir bem, basta condenarmos o erro alheio. Muitas vezes essa difamação até se disfarça de espiritualidade, como se estivéssemos apenas “zelosos pela pureza da igreja”, quando na verdade estamos apenas a desviar a atenção dos nossos próprios erros para os erros dos outros.

Quando gastamos tempo a olhar para fora, para a vida e os erros dos outros, perdemos de vista os nossos próprios erros. Paulo pede aos cristãos de uma igreja desunida que examinem a si mesmos (1 Coríntios 11:28), precisamente porque a desunião muitas vezes é potencializada pelo exame constante da vida alheia, em vez do exame da própria vida.

- Já reparaste em ti algum prazer estranho ao falar mal de alguém, como se isso te fizesse sentir melhor ou superior?
- Da próxima vez que sentires vontade de comentar algo negativo sobre alguém, consegues, em vez disso, examinar algo na tua própria vida?

3. A LÍNGUA FALSA E COVARDE

“A língua mentirosa odeia aqueles a quem fere, e a boca lisonjeira provoca a ruína.”

Provérbios 26:28

A língua da difamação é, muitas vezes, uma língua covarde. Quem fala mal de alguém quando essa pessoa não está a ver, não é o mesmo que fala assim na sua frente. A língua corajosa e amorosa é aquela que olha nos olhos da pessoa para falar dos seus erros, exactamente como um cônjuge ou amigo de confiança faz: alerta-nos directamente, para o nosso próprio bem, sem espalhar o assunto a outros.

Quando somos difamadores, deixamos de ser instrumentos de Deus para alertar alguém do seu erro, e passamos a ser apenas mais uma voz que diminui a reputação dessa pessoa pelas costas. A Escritura ensina que “como o vento norte traz chuva, assim a língua fingida traz o olhar irado” (Provérbios 25:23): a difamação sempre traz consequências, mesmo quando pensamos que ninguém vai descobrir.

- Costumas ter coragem de falar directamente com alguém sobre um erro que vês, ou preferes comentar com outras pessoas primeiro?
- Como podes tornar-te alguém em quem os outros confiam para falar verdades directamente, em vez de pelas costas?

4. “NÃO É FOFOCA, É SÓ A VERDADE”

“Irmãos, não falem mal uns dos outros. Quem fala contra o seu irmão ou julga o seu irmão fala contra a Lei e a julga.”

Tiago 4:11

Uma das nossas desculpas favoritas para a difamação é: “não é fofoca, é só a verdade”. Mas Tiago não está a falar sobre mentira, está a falar sobre o simples facto de falarmos mal de alguém, mesmo quando é verdade. Falar mal, mesmo quando é verdade, ainda é pecado, porque a nossa língua não foi feita para diminuir a reputação de ninguém, foi feita para abençoar.

Tiago também nos lembra que, ao julgarmos o outro, colocamo-nos como legisladores e juízes no lugar de Deus, o único Juiz verdadeiro. Julgar o próximo revela, no fundo, uma

visão errada sobre nós mesmos: consideramo-nos, mesmo que inconscientemente, superiores a quem estamos a julgar. Por isso Tiago responde à difamação com um chamado à humildade: “Humilhem-se diante do Senhor... não faleis mal uns dos outros” (Tiago 4:10-11). Se de facto virmos o outro como superior a nós mesmos (Filipenses 2:3), dificilmente teremos coragem de falar mal dele.

- Já usaste a desculpa de “é só a verdade” para justificar um comentário negativo sobre alguém?
- Como te sentes ao pensar que, ao julgar o outro, estás a colocar-te no lugar que só pertence a Deus?

5. O CAMINHO CORRECTO: MATEUS 18

“Se o teu irmão pecar contra você, vá e, a sós com ele, mostre-lhe o erro.”

Mateus 18:15

Quando de facto percebemos algo errado na vida de alguém, o caminho bíblico não é comentar com outras pessoas, mas ir directamente falar com essa pessoa, a sós. Só se ela não ouvir é que devemos levar mais uma ou duas pessoas, e apenas em último caso, se continuar a rejeitar a correcção, o assunto deve chegar à liderança da igreja. Este caminho existe precisamente para proteger a reputação da pessoa que errou, e não para a expor desnecessariamente.

O objectivo de Jesus, ao ensinar isto, não é fomentar conflito, mas “ganhar o irmão” (Mateus 18:15). Se encontramos algo errado em alguém, o nosso desejo não deveria ser expor essa pessoa, mas vê-la voltar ao caminho certo. Se houve arrependimento no processo, o assunto morre ali, entre as pessoas envolvidas, e não é levado a mais ninguém, porque estamos preocupados em proteger a reputação do nosso irmão, tal como gostaríamos que fizessem connosco.

- Da próxima vez que perceberes um erro genuíno em alguém, consegues seguir este caminho: falar directamente, com amor, antes de comentar com outra pessoa?
- Já foste alvo de alguém que seguiu (ou não seguiu) este caminho contigo? Como isso te afectou?

6. AMANDO A REPUTAÇÃO DOS OUTROS: O EXEMPLO DE JOSÉ

“José, seu marido, era homem justo e, não querendo expô-la à infâmia, resolveu deixá-la secretamente.”

Mateus 1:19

Uma das histórias mais bonitas sobre como lidar com a reputação alheia é a de José, pai adotivo de Jesus. Quando Maria, ainda noiva dele, apareceu grávida, José enfrentou aquilo que seria, para qualquer pessoa da época, uma traição evidente. Ainda assim, ele não expôs Maria publicamente, nem espalhou o que parecia ser a verdade mais óbvia. Decidiu tratar o assunto da forma mais discreta possível, preferindo, se necessário, que a própria reputação dele fosse manchada, a manchar a reputação dela.

José amou mais a reputação de Maria do que a sua própria. E é precisamente aí, nessa disposição de proteger o nome do outro mesmo diante de aparências desfavoráveis, que Deus interveio e revelou a verdade a José. Quantos de nós agiríamos de forma semelhante, protegendo a reputação de alguém que, à primeira vista, parece ter feito algo errado?

- Já protegeste a reputação de alguém, mesmo quando as aparências pareciam apontar para algo negativo?
- O que esta história de José te ensina sobre a forma como deves tratar informações negativas sobre outras pessoas?

CONCLUSÃO: O EVANGELHO E A NOSSA LÍNGUA

“Como é possível que a mesma fonte produza água doce e água amarga?”

Tiago 3:11

No evangelho, entendemos que todos nós estamos debaixo do mesmo pecado. Ninguém é melhor do que ninguém, todos somos fracos e falhos. Mas nesse mesmo evangelho encontramos um Cristo poderoso para salvar a todos nós, incluindo aquele de quem, às vezes, falamos mal. Se Deus, que tinha todo o direito de falar mal de nós, preferiu entregar o Seu Filho para nos perdoar, como podemos continuar a ser propagadores de fofoca e difamação, em vez de sermos propagadores de bênção e perdão?

Que a nossa língua, transformada pelo evangelho, seja usada para edificar e não para destruir, para abençoar e não para diminuir a reputação de ninguém.

TPC DA SEMANA:

Esta semana, identifica uma pessoa de quem falas mal com mais frequência (mesmo que sejam “apenas verdades”). Faz um propósito consciente de, em vez disso, falares apenas o bem sobre essa pessoa, ou, se houver algo genuíno a tratar, ires falar directamente com ela. Vem preparado para partilhar na célula da próxima semana como foi essa experiência.